

Fusão mítica: o descenso de Orfeu aos infernos em *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu

Farides María Lugo Zuleta¹³

Resumo: Pretendemos mostrar como a figura mitológica do descenso de Orfeu aos infernos, em busca de sua amada Eurídice, tem núcleo na narrativa *Onde andaré Dulce Veiga?: Um romance B*, de Caio Fernando Abreu. Mito clássico e romance estão fazendo uma fusão mítica, na qual o primeiro pode complementar a leitura analítica do segundo. Nesta pesquisa apresentaremos as coincidências entre os dois textos, com o objetivo de atingir uma interpretação válida e adequada do romance de Caio F., tudo isso tendo como base teórica a linha mitocrítica proposta por Gilbert Durand.

Palavras-chave: Descenso de Orfeu, *Onde andaré Dulce Veiga?: Um romance B*, fusão mítica, mitocrítica, Gilbert Durand.

Abstract: We intend to show how the mythological figure of Orpheus's descent into hell in search of his beloved Eurydice, has core in the narrative *Whatever happened to Dulce Veiga?*, by Caio Fernando Abreu. Classic myth and romance are doing a mythical fusion, in which the first may complement the analytical reading of the second. In this research we present the similarities between the two texts, in order to achieve a valid and proper interpretation of the Caio F's novel. All the theoretical background is based on Gilbert Durand's Myth-Criticism.

Keywords: Descent of Orpheus, *Whatever happened to Dulce Veiga?*, mythical fusion, Myth-Criticism, Gilbert Durand.

¹³Mestranda em História da Literatura (FURG, Brasil) como bolsista da OEA e do Grupo de Universidades Brasileiras. É Profissional en estudios literarios da Universidad Nacional de Colombia.

Uma das vantagens de interpretar a literatura em conjunto com os mitos, é a criação de uma análise que está longe de ser unidimensional. Assim, graças à importância e à omnipresença do mito, podem aparecer leituras mais aprofundadas de uma obra. Neste caso, em particular, queremos mostrar como a figura mitológica do descenso de Orfeu aos infernos está presente na estrutura e significação do romance *Onde andará Dulce Veiga?: Um romance B*, de Caio Fernando Abreu. O objetivo, então, é propor uma leitura da obra na sua relação ao mito, o que Gilbert Durand chamou de: fazer mitocrítica. Não pretendemos comprovar que o romance de Caio é uma nova versão do mito de Orfeu, mas sim que este mito está integrado na corrente narrativa mais profunda desta obra (fusão mítica). Tentaremos pôr a descoberto um núcleo mítico órfico, uma narrativa fundamentadora (Durand, 1981: p. 40).

É possível pensar, depois de ler todo o documento, que entre o mito e o romance não há senão uma coincidência entre as estruturas (literária e mítica) (Durand, 1981: p. 42), nesse caso adianta um último argumento, presente para nós de Durand (1981): "Cada um, no fim de contas, escolhe o que olha" (p. 51). Nosso cruzamento de olhares com o romance revelou um núcleo que pertence ao domínio do mítico (Durand, 1981: p. 40), a um Orfeu caminhando sozinho, procurando uma mulher, cheio de música. Com o romance de Caio F. estamos frente ao mitologema da queda, da descida aos infernos para uma posterior subida, o processo contrário, a ascensão, dá ao personagem finalmente sua redenção (apresentada na última linha deste trabalho) (Durand, 1981: p. 44).

Para apresentar esta dinâmica (descenso-ascensão) não queremos trabalhar com uma interpretação estreita demais, senão com uma das definições da mitocrítica segundo Durand (1981), na qual o mito está em liberdade, ou seja, que ele atua por trás da narrativa (p. 45). Continuando com Durand, podemos pensar que com este método mitocrítico afastamo-nos de um trabalho banal com o texto e de uma leitura que fica somente na superfície. Com

o mito de Orfeu chegamos a um grau de compreensão maior do romance *Onde andar Dulce Veiga?*, porque descobrimos uma matéria que se alinha sobre este grande mito clássico, e vai além de simplesmente fazer resumo do argumento da obra ou de apresentar suas características formais, sem estudar a sua intertextualidade com a tradição literária. Isto sem pensar que o mérito é exclusivo do método mitocrtico, pois outras metodologias como a análise histórica ou psicocrtica, como afirma Durand (1981), têm seus direitos (p. 53). Além disso, podermos dizer que o importante não é como tal o método de aproximação a uma obra, senão a profundidade da interpretação atingida.

Depois desta pequena apresentação e justificativa do método escolhido, continuaremos fazendo uma apresentação do mito de Orfeu, para entender como ele está relacionado com o núcleo narrativo do romance de Caio F. Como a maioria dos mitos clássicos, o mito de Orfeu tem diferentes versões e variantes. Por exemplo, algumas vezes ele aparece como filho de Eagro e Calíope, outras vezes, de Apolo e a musa Cléo, junto com três irmãos: Marsias, Ialemo e Lino. Em geral, Orfeu está relacionado com a argonutica, a música, a busca de sua amada Eurídice e, com outro dado que será importante para o nosso trabalho, com ser o primeiro "homem"¹⁴ em ter relações amorosas com outros homens. Sobretudo, se pesarmos que o protagonista de *Onde andar Dulce Veiga?* teve um amante: Pedro, mas também ele esteve casado com uma mulher antes (Eurídice). Relação interessante entre o mito e o romance que, junto com outras "coincidências", serão apresentadas mais adiante.

Onde podemos encontrar os rastros de Orfeu? A importante figura de Orfeu está presente em várias obras clássicas e em muitas outras mais contemporâneas. Vamos mencionar alguns exemplos significativos: temos a *Argonutica rfica*; o livro *Geórgicas*, de Virgílio; as *Metamorfoses*, de Ovídio; um "Orfeu

¹⁴ Aspas porque Orfeu tem uma origem divina.

burlesco", de Francisco de Quevedo¹⁵; o *Discurso Poético*, de Juan de Jáuregui de 1624; alguns sonetos ao Orfeu, de Rilke; a *Biblioteca Histórica*, de Deodoro de Sicília; a *Biblioteca Mitológica*, de Apolodoro; *Orfeu em língua castelhana*, de Pérez de Montalvão (Lope); a obra de teatro de 1942, *Eurídice*, de Anouilh; no cinema está o filme "Orfeu Negro", de Marcel Camus, no contexto do Carnaval de Rio de Janeiro de 1959. A lista poderia continuar, mas decidimos nos deter aqui. A quantidade de material dá para pensar que a influencia deste mito é realmente grande e que qualquer pessoa dedicada às letras tem tido algum contato com Orfeu e sua trágica aventura de amor com Eurídice, pois este é a passagem mais famosa dele. Então, só para aclarar, não é arriscado no absoluto pensar que o ilustrado Caio F. deveu conhecer muito bem este mito. De todas as maneiras, em uma análise como esta, também não é relevante fazer biografismo com as possíveis fontes do autor, senão pensar que de um jeito consciente ou inconsciente o mito faz parte de seu imaginário, de seu relacionamento com o mundo e é uma ferramenta ativa para compreender a realidade, de aí que o mito de Orfeu possa estar implícito nas páginas de *Onde andaré Dulce Veiga?*

Como o mito também é uma invenção social que está em constantes (ou não) re-apropriações, não temos uma única versão dele, um único perfil de Orfeu, mas sim uma trilha, na qual se encontram diferentes versões. O Orfeu de Ovídio é músico e poeta de Trácia, filho de Apolo e Calíope, esposo de Eurídice. No Livro X das *Metamorfoses*, temos a narração do descenso de Orfeu aos infernos em busca de sua amada. Orfeu estava doente de saudade pela Eurídice, assim como o protagonista do romance espera ansioso alguma notícia de Pedro ou buscará desesperadamente a Dulce. A saudade e o amor profundo de Orfeu dá-lhe valor para descender até a Estige pela porta do Ténaro, segundo Ovídio,

¹⁵ Talvez seja uma das poucas obras inspiradas em Orfeu que tem um sentido cômico do mito, este trecho, por exemplo, mostra a brincadeira com a suposta homossexualidade do personagem: "Orfeo por su mujer,/ dicen que bajo al Infierno;/ y por su mujer no pudo/ bajar a outra parte Orfeo".

entre pessoas tênues e espectrais; muito parecido aos personagens que encontramos em *Onde andar Dulce Veiga?* Pessoas estereotipadas e frívolas que fazem crescer a solidão de nosso protagonista, enquanto faz sua investigao. O Orfeu de Oıdo está cheio de medo, descende por um caos enorme, pedindo que o destino de sua Eurídice (Ovidio, 2007: 304) seja tecido de novo. Assim, o personagem de Caio F. também descende a uma subcultura caótica e agressiva na cidade de São Paulo, desejando encontrar  Dulce Veiga e dar notícia ao mundo da sua vida, fazer a sua ressurreio  esfera pública.

Nas *Metamorfoses*, depois do fracasso de Orfeu por trocar de mundo a Eurídice, ele começa a evitar toda relao feminina, pela dor da perda ou por manter a sua palavra de amor. Portanto, Orfeu induz  populao de Trcia a virar o amor para homens jovens ou, inclusive, crianças (Oıdo, 2007, p. 305). O Livro XI das *Metamorfoses* narra como Orfeu continua sem querer outras mulheres, sentindo desprezo delas (Oıdo, 2007: p. 327), mas quando ele morrer, sua sombra desce de novo baixo terra, reconhece os lugares que antes olhou e nos Campos Elíseos encontra-se com Eurídice e d-lhe um abrao com paixão (Oıdo, 2007: p. 329). Então, a misoginia e a homossexualidade de Orfeu aparecem com a sua separao de Eurídice. Da mesma maneira, o protagonista de *Onde andar Dulce Veiga?*, depois de seu divorcio de uma relao heterossexual, inicia uma aventura homossexual com Pedro, que já tinha terminado no começo da obra, mas que vamos descobrindo entre linhas enquanto vamos avançando na leitura do romance.

Nas *Geórgicas* de Virgílio, Orfeu aparece como uma pessoa que merece nossa compaixão, pois a sua desgraça  imerecida (Virgílio, 1994: p. 275). Na sua tragédia de ter perdido a Eurídice, Orfeu procura o seu consolo ao amor infeliz na música, com a lira (Virgílio, 1994: p. 275). O protagonista de *Onde andar Dulce Veiga?* depois do divorcio e depois de perder o rastro de Pedro, terá uma vida patética na solidão, a pobreza do desemprego e parece que a sua vida tem sentido de novo quando ele for trs da música de

Dulce Veiga, embora pelo caminho terá que escutar às Vaginas Dentatas e o caos de São Paulo; do mesmo jeito, Orfeu entrou nas fauces do Ténaro, boca abismal do reino de Plutão (Virgílio, 1994: p. 277). Mas já sabemos que a tentativa de Orfeu não tem bom fim imediato, por isso ele chorará sete meses seguidos e inteiros (Virgílio, 1994: p. 279), enquanto o protagonista de *Onde andaré Dulce Veiga?* para esquecer sua pena por Pedro, buscará por sete¹⁶ dias inteiros o paradeiro de Dulce em uma investigação ao limite do delírio.

Talvez uma frase que mostra muito bem a relação que estamos tentando fazer entre Orfeu-Protagonista de *Onde andaré Dulce Veiga?* é uma de José Geraldo Couto, quem faz uma introdução à edição de 2006 do romance. Ele afirma que os personagens de Caio F. são como sombras de outros personagens, espectros viventes, projeções do imaginário. Nosso protagonista pode ser facilmente a sombra da sombra de Orfeu que desce duas vezes ao Ténaro.

Aliás, insistimos na conexão com a música que está presente desde a primeira linha do romance: "Eu deveria cantar", (Abreu, 2006: p. 9), mas o protagonista tinha desaprendido, tinha perdido sua relação natural com a música. E somente ao final, quando ele recuperar a sua voz, poderá "emergir do pântano de depressão" (Abreu, 2006: p. 10), onde ele estava (Inferno).

Não podemos esquecer outro personagem central do romance, que não temos mencionado até aqui, Márcia Felácio¹⁷, a

¹⁶ O número sete parece ter um significado especial neste romance de Caio F., por exemplo, botamos aqui um trecho, no qual aparece com um sentido simbólico: "Pedi sete vezes em voz alta, não havia ninguém por perto para olhar e talvez rir, um homem não muito jovem, todo molhado, falando sozinho, pedindo não sabia o quê. Força e fé, que tinha perdido, eu pedi" (Abreu, 2006, p. 35-36). Parece uma paródia a súplica que Orfeu faz para os deuses do Ades, os que sofrem com ele e permitem a entrada aos infernos, mas com essa condição tão cruel que, no fim de contas, causa uma dor maior ao Orfeu.

¹⁷ Além da relação familiar, esta jovem exyonkie e agora amante da cocaína será um símbolo forte do anjo revelador do apocalipse, sua voz atômica gritará nas suas músicas a chegada da batalha final, o Armagedão, e a queda da Babilônia, da cidade

filha de Dulce Veiga e líder das Vaginas Dentatas, na sua apresentação na narrativa também mostra aspectos mitológicos: "Um farol maldito, para perder os navegantes" (Abreu, 2006: p. 25), assim são descritos seus olhos e assim a sua voz de cantante: "Aquela voz de sereia radioativa" (Abreu, 2006: p. 26). Elementos que criam relação direta com os argonautas ou o canto mágico das sereias de Odisseu; mitologia quase explícita se estarmos atentos na leitura. Podemos somar também as aparições de Dulce no argumento, pois ela tem ao início uma maneira espectral. O protagonista pode vê-la e ao segundo seguinte ela "não estava mais lá" (Abreu, 2006: p. 32). Assim como Eurídice desvanece-se diante dos olhos de Orfeu, Dulce Veiga o faz.

Depois de termos apresentado os pontos de conexão mais gerais entre mito e romance, queremos ir mais perto à análise da obra. Temos um romance dividido em sete capítulos, os quais correspondem aos dias da semana, sete estações de busca e sofrimento que o protagonista vai percorrer como um Orfeu sozinho (ou um cristo). De segunda a domingo o personagem irá trás as pistas de uma velha cantora desaparecida faz vinte anos, porém o tempo passado não é suficiente para esquece-la:

Dulce Veiga, a melhor de todas. A mais elegante, a mais dramática, a mais misteriosa e abençoada com aquela voz rouca que conseguia dar forma a qualquer sentimento, desde que fosse profundo. E doloroso, Dulce cantava a dor de estar vivo e não haver remédio nenhum para isso.

Concordando com a epígrafe do romance: "I had seventeen dollars in my wallet. Seventeen dollars and the fear of writing..." Ao início o protagonista, que é um sem nome até o final do livro, leva meses encerrado em casa, com fome, sem emprego e sem dinheiro. A reviravolta acontecerá quando ele começa a trabalhar no Jornal da cidade. Embora ele morasse num espaço extremamente pequeno, sujo e desordenado; quando sair para o

perdida no pecado. Vemos aqui como o autor mistura mitologia clássica com elementos cristãos.

mundo, para as ruas de São Paulo sua situação não melhorará, pois o texto mostra uma ampla variedade de ambientes ameaçadores, esquisitos e malsãos: cigarros, fumaça, calor, cocaína, música agressiva, travestis, prostituição etc., vão criando uma atmosfera sufocante (infernai) que, paradoxalmente, não deixam de cativar ao leitor com esse estilo coral, mistura de referências ao cinema, música, jornalismo e literatura. Os personagens, às vezes, parecem pertencer ao mundo das histórias em quadrinhos, a arte kitsch, ou a qualquer estilo sobrecarregado.

O protagonista sente uma constante indiferença pela vida, é um ser depressivo, solitário, pobre e delirante. Sua vida está em desequilíbrio, os quatro elementos estão em caos:

Ar, pensei. Terra não havia sob meus pés, aquele horrendo carpete amarronzado pelo tempo, fogo só nas brasas dos cigarros de Castilhos, e água viscosa escorrendo na palma das minhas mãos.

Ele é um homem sem fé ao limite de uma nostalgia descontrolada, obrigado pelas necessidades domésticas a enfrentar o mundo vazio dos artistas, os espetáculos que já não são tão bons como antes. Assim, passamos do caos de sua casa e de seu escritório ao mundo cultural dos outsiders e suas vidas não lineares e desamparadas. Na busca de Dulce Veiga o protagonista começa uma perseguição absurda e a mulher procurada parece fatal. Esta é uma das simbologias mais fortes da obra e que temos apresentado até agora: o homem (Orfeu) sem esperança que escolhe descer nos infernos, no inframundo detrás de uma mulher única (Eurídice) que justifica qualquer sacrifício. O protagonista não é só como Orfeu, ele também é como Dante recorrendo os círculos do inferno e do purgatório para chegar ao paraíso que é Beatrice; como Don Quijote batendo sua cabeça contra um mundo deslocado pelo seu amor por Dulcinea; ou a misteriosa Alejandra de *Sobre héroes y tumbas*, de Ernesto Sábato; ou María de *El Tunel*. Dulce Veiga também será essa mulher quase incorpórea que funciona como motivação para o movimento e a transformação de um sujeito (ascensão).

Mas aqui estamos em um ambiente meramente urbano, em uma cidade pestilenta, cheia de poluição, saturados de canções pessimistas e a somatória de dias dentro de uma enorme solidão. Eis o *pentimento*, a integração das palavras pena e sentimento, que traduzem a tragédia deste personagem. Sua vida é apresentada com grande influência do cinema, como se todos fossem atores em uma sociedade dessacralizada, nem Xangô nem Jesus podem-nos ajudar, ou sim?

A cantora desapareceu porque queria encontrar outra coisa, outra coisa além das drogas e o mundo vazio que habitava, vazio na sua saturação. O protagonista, então, vai querer encontra-la como se o último sentido da sua vida estivesse relacionado a esse fato. Como se ao fazer uma persecução absurda ele superasse o sem sentido mesmo da sua existência humana.

A narração desta busca chega-nos em primeira pessoa, a exceção de um pequeno parágrafo no qual o personagem é comparado com o romancista britânico Edward Morgan Forster. É comum, aliás, encontrar no texto muitas referências a artistas estrangeiros, mais que uma cor local, o romance explode numa fragilidade cosmopolita, debochando da cultura pop, mas também do Brasil, que estaria no quintal; Latino América não é mais que um povo apaixonado pelas novelas e a tevê descartável. O desamparo do protagonista dá para criticar tudo, para acabar com tudo, nem cultura nem fé, os querubins aparecem no meio do lixo, os milagres não passam de delírios e a música também não é como antes, agora existem grupos como as Vaginas Dentatas, agrupações de meninas burguesas feministas radicais e desamparadas por suas famílias.

Os dias da semana de nosso protagonista, o jornalista, o lobo cansado, o carente, o novo Orfeu, vão se desenvolvendo em uma sequência de pequenos encontros que cada vez mais tornará complexa a trama do romance. Os personagens aparecem na cena, mas ninguém quer falar, todos querem encontrar Dulce Veiga, mas não ajudam com dados uteis. E o protagonista compromete-se com a investigação, assim poderá continuar esquecendo que

seu amado Pedro não está e que sua ex-esposa também não. Outras verdades terríveis serão reveladas aos poucos, o leitor com sede insuportável terá que aguardar até o fim, inclusive, assim não teremos todas as respostas.

No entanto, a leitura do romance é absolutamente fascinante, é uma obra inteligente, cheia de cinema, música, jornalismo e literatura. Embora o protagonista desça aos infernos de uma cultura desencantada da pós-guerra, o romance equilibra essa obscuridade com trechos de um lirismo surpreendente, as lembranças de Pedro, as músicas de Dulce Veiga... a luz tem também uma sutil presença na obra e cria encanto e melancolia. Um novo elemento, aqui, seria o humor, este também faz mais suportável a realidade do narrado. E aqui o jogo com o sacro é fundamental. Na mistura, na carnavalização, na sátira, temos um consolo. Miremos esta descrição, por exemplo:

Havia uma colagem que misturava orixás e santos da igreja católica com Buda, madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier, o Papa e artistas de cinema e tevê. Fiquei tentando descobrir se o cara de peitos nus, eu precisava de óculos, seria Arnold Schwarzenegger ou Sam Shepard.

Um amargo sorriso entre páginas ajuda a suportar que o protagonista não se aceite como homossexual, que não saiba onde ele está e onde está Dulce Veiga, que absolutamente todos morram de solidão, que Márcia F. e o protagonista tenham AIDS, que meninos de catorze anos travestidos, como Jacyr, já pertençam ao mundo da prostituição etc.

O romance está cheio de fatos, mas o protagonista está carente de verdadeiros acontecimentos, os dias estão sem sentido, todos os personagens e o próprio leitor correm o risco de morrer de overdose de cidade gigante, todos estamos presos no absurdo depois da violência, parece não restar senão beber cerveja na boate Hiroshima na companhia das Vaginas Dentatas e sua fabricação cultural em série, crucifixos, fantasias de anjos e a loucura da grande Babilônia:

Caiu, caiu a Grande Babilônia! Tornou-se recesso de demônios, prisão de todo espírito impuro e de toda ave impura e repelente, porque do vinho acre de sua luxúria beberam todas as nações, com ela prostituíram-se os reis do mundo e com seu luxo desenfreado enriqueceram os traficantes da terra!

O clima de decadência urbana não acontece só em São Paulo, Rio de Janeiro também não se salva, na trilha destas cidades o protagonista sente-se cada vez mais cansado, perdido, velho, careta. E as lembranças de seu amor com Pedro não são purificadoras, pelo contrário, ele instaura uma metáfora do amor homossexual como uma maldição (parecida à ira de Orfeu depois de perder a Eurídice pela segunda vez), o beijo entre dois homens é maldiçoado:

A história de outro beijo, o beijo que Saul me dera. Como eu dera em Filemon, súbito, sem explicação. Uma espécie de maldição, passada de boca em boca (...) É preciso beijar meu próprio medo, pensei, para que ele se torne meu amigo. Entreaberta, a boca dele cheirava mal, os lábios cobertos de partículas purulentas, os dentes podres. Uma cara de louco, uma cara de miséria, de maldição. Uma maldição passada de boca em boca, que eu poderia exorcizar agora, devolvendo um beijo que era ao mesmo tempo a retribuição daquele, e inteiramente outro.

O romance não dava sinais de um milagre, mas acontece. O protagonista faz uma última viagem, para uma região de Brasil diferente, menos cidade e mais em contato com a natureza, a Estrela do Norte, ali encontra a Dulce Veiga, contra todos os prognósticos, quando já como leitores tínhamos perdido a ilusão, quando não confiávamos para nada nesse fracasso de detetive, assim como Orfeu tem a possibilidade de ver Eurídice, o protagonista encontra Dulce. O homem mais triste do mundo, com sua derrota e seu tempo perdido atinge o encontro com a *femme fatale*. Mas Dulce Veiga já não é mais aquela artista de sonhos, agora é uma cinquentona reabilitada, simples, real, longe

desse mundo de colegas alcoólatras que bebiam vodca e Jack Daniels como se fosse agua. Estrela do Norte simboliza a possibilidade de paz interior (redenção atingida por Orfeu e o protagonista), parece ser o verdadeiro Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro são falsas para o protagonista, terrivelmente cidades neuróticas. Por isso Dulce fugiu, procurando uma vida diferente. O protagonista também queria uma vida distinta, lutava contra sua própria fragmentação em mil partes como uma diminuta gota de mercúrio. O protagonista conhece a verdade, lembra aqueles aspectos importantes de sua vida que ele tinha esquecido seletivamente. Há uma mudança na sua alma, porém já tem os dias contados, está doente de AIDS e não escolhe o final feliz e utópico morando isolado no novo paraíso, ele volta para a cidade (como Orfeu volta para o mundo dos vivos), mas volta diferente, ele já pode cantar e Orfeu sempre terá a sua lira como consolo.

Referências

- ABREU, Caio. Onde andaré Dulce Veiga?: Um romance B. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2007.
- APOLODORO. Biblioteca Mitológica (online). Consultado em www.scribd.com (14-04-2015).
- BERMABÉ, Alberto. Orfeo y la tradición órfica: Un reencuentro. Vol. I e II. Madrid: Ediciones Akal, 2008.
- BRICOUT, Bernadette. La mirada de Orfeo: Los mitos literarios de Occidente. Barcelona: Paidós Contextos, 2002.
- OVIDIO. Metamorfosis. Madrid: Alianza Editorial, 2007.
- PEÑA, Isaías. Manual de la literatura latino-americana. Bogotá: Educar Editores, 1990.
- QUEVEDO, Francisco de. "Orfeo y Euridice" (online). Consultado em www.ficus.pntic.mec.es (14-04-2015).
- VENIER, Martha. El Orfeo de Jáuregui. Vol. XXXVIII. Madrid: Lexis, 2014, p. 207-216.
- VIRGILIO. Geórgicas. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.